



INFORME DEMPI

Informativo da Micro, Pequena e Média Indústria.

01/02/2014

Queridos amigos empresários de Pequenas e Médias Empresas.

Antes de qualquer coisa quero compartilhar uma experiência que deu um ótimo resultado entre nossos colaboradores e acredito que se nos unirmos trará um resultado ainda maior para o Brasil. Em uma das eleições, quando parei para escolher o meu candidato e verifiquei a infinita quantidade de opções, fiquei totalmente confusa em como fazer a melhor escolha. Quem, daqueles possíveis escolhidos refletiriam meus anseios e fosse capaz de executá-los. Escolhas não são fáceis de serem feitas e para que elas possam acontecer melhor precisamos principalmente de conhecimento. Foi ai que surgiu a ideia de chamar o "Movimento Voto Consciente". Instituição apartidária (<http://www.votoconsciente.org.br>), onde o único objetivo é passar conhecimento e ferramentas para as pessoas poderem escolher melhor seus candidatos. Pronto, decisão tomada, chamei esta entidade para uma palestra em minha empresa e reservamos uma hora para discutir e aprender mais sobre os candidatos. Foi impressionante a quantidade de interesse pelos colaboradores em saber mais e como avaliar os candidatos, afinal a responsabilidade é muita. Estou dividindo isto por participar da Diretoria do Dempi – Departamento da Micro, Pequena e Média Indústria da Fiesp, Instituição está que há tanto tempo vem dando apoio aos sofridos empresários. Muitos podem até achar graça neste adjetivo, mas a verdade é que não é fácil ser empresário neste país. Missão de heróis. Acordar todos os dias rezando para que as vendas aconteçam, metas sejam atingidas e principalmente para que não tenhamos de dispensar mais um "pai ou mãe" de família que através do salário que NÓS pagamos tenta dar melhores condições a seus entes queridos, há...

e olha que nem inclui dívidas contraídas, isto realmente não é fácil, com este PIB então. Bom, é ai que eu quero chegar. Não conseguimos dissociar o ato de ser empresário dos resultados sócio/econômico do país e, do jeito que está não pode ficar. Então COMO MUDAR? Só conheço duas maneiras para iniciarmos essa mudança: ACREDITANDO E TRABALHANDO. ACREDITANDO sim que somos competentes e profissionais suficientes para construir um Brasil muito, mas muito melhor do que está agora. Acreditando e tendo a certeza que vamos deixar um país muito melhor para nossos filhos, acreditando e tendo certeza em nossa capacidade inovadora, e como disse a Sharon Battat..." *O Brasil, se não for o país mais lindo do mundo, certamente está entre os mais belos, com paisagens pitorescas, exóticas florestas tropicais e praias deslumbrantes. Mas o mais bonito de tudo é o espírito, a felicidade e o calor de seu povo*" mas... Só acreditar não adianta, e é ai que entra o TRABALHO! Muito, com competência e seriedade. Competência e seriedade em todas as ações das administrações públicas e nossas. Competência e seriedade de quem consegue fazer as coisas acontecerem, quem, apesar de todas as diversidades não tira o objetivo final do foco e consegue se adaptar a esta loucura. Trabalhando principalmente em AJUDAR AS PESSOAS A TEREM MELHOR ESCOLHAS para que isto se reflita em nossas lideranças. Acredito que realmente o resto é uma consequência... consequência em construir um país mais justo e com instituições fortalecidas. Ainda vai demorar um pouco para meu desejo se realizar mas...quem sabe com a ajuda de todos os meus "novos amigos" este desejo fique mais próximo! Abraços a todos.
Beatriz B. A. Cricci – Diretora sócia da BRGOODS

NESTA EDIÇÃO



Info-Legislativas:

Dilma lança comitê de avaliação do Simples Nacional. **pag.2**



Info-Crédito:

MPES recebem volume recorde do BNDES. **pag.3**



Info-Indústria:

Segundo o Sebrae, 52% dos empresários com menos de 3anos e meio de atividade são do sexo feminino. **Pag.4**



Info-Notícias:



Governo aumenta compras de MPES. **Pag.5**

Info-Notícias:

Confira aqui as palestras e eventos. **Pag.6**

→ Info-Legislativas

MPE terá que ampliar estrutura para o e-Social

As MPEs serão as mais afetadas quando o governo federal colocar em operação o e-Social – plataforma digital que vai unificar as informações previdenciárias, trabalhistas e tributárias sobre o negócio. Isso porque, segundo especialistas, elas não têm estrutura de pessoal e de tecnologia para coletar e repassar esses dados. "Nenhuma empresa do país tem em seu sistema de gestão toda a tributação pertinente à sua atividade. Ainda mais os pequenos negócios", diz Sérgio Approbato, presidente do Sescon-SP. De forma gradativa, a partir de abril, as companhias terão que informar no ambiente virtual todos os "eventos trabalhistas" na data em que eles ocorreram. Os MPEs precisarão fazer isso a partir de novembro. Um exemplo: o trabalhador contratado só poderá exercer a função se, um dia antes, a admissão dele for registrada no sistema. Demissão, horas extras, jornada de trabalho, folha salarial, afastamento por acidente, ambiente insalubre e faturamento do negócio serão algumas das informações exigidas. A transmissão dos dados será acompanhada em tempo real pelos órgãos de controle, que pretendem coibir, com o cruzamento das informações, a sonegação fiscal. A nova plataforma tem o objetivo de simplificar a burocracia. Unindo as informações, o e-Social promete substituir dez comprovações referentes aos tributos – as chamadas obrigações acessórias como Dirf, Caged, Manad e Gfip, entre outras. Hoje, gasta-se mais tempo para comprovar do que pagar um tributo no país. Com departamento de RH enxuto ou até inexistente, o pequeno empreendedor terá que recorrer à assessoria contábil para atender as obrigações do e-Social. O governo afirma que a alteração é apenas operacional. "Não estamos mudando a legislação com o e-Social, apenas a forma de ela ser cumprida", diz Daniel Belmiro, coordenador do projeto na Receita Federal. Já os departamentos contábeis parecem não ter acordado para o tamanho da demanda. Pesquisa feita pela Wolters Kluwer Prosoft, uma multinacional do ramo de softwares fiscais, junto a 1.310 escritórios contábeis de 370 cidades do país indica que 36% deles ainda não mudaram seus sistemas. "Os escritórios estão enraizados nos prazos. Eles só irão se preocupar quando o e-Social entrar em operação", afirma Danilo Lollo, coordenador



da pesquisa. A perspectiva é de aumento de contratações para atender o e-Social.

Folha de SP - 19/01/2014

Estudo avalia impacto da burocracia nas empresas

Onze estados brasileiros ainda não têm nenhum município com sistema de integração entre as entidades envolvidas nos procedimentos que fazem parte do dia-a-dia dos empresários, como obter e renovar licenças para o funcionamento do negócio. É o caso do Acre, Ceará, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Pará, Paraná, Piauí, Rio Grande do Sul, Roraima, Sergipe e Tocantins. O resultado faz parte do estudo do Sistema FIRJAN, Melhorando o ambiente de negócios no Brasil: ações para reduzir a burocracia, que avaliou a qualidade e a transparência dos serviços prestados por órgãos públicos do país para as principais situações relacionadas ao cotidiano dos empreendedores brasileiros: abrir empresas, cumprir obrigações tributárias e trabalhistas, importar e exportar. Nos principais centros econômicos do país, o excesso de burocracia também afeta a competitividade das empresas. A ausência de integração é um problema para 621 das 645 cidades paulistas e para 761 dos 853 municípios mineiros. O levantamento identificou que os instrumentos criados pelo governo na última década para a redução da burocracia no Brasil não foram implementados corretamente pelas entidades públicas, mesmo que respaldados por dispositivos legais. A transparência e a integração representam a melhor alternativa para dinamizar processos e reduzir a burocracia no ambiente de negócios do país", diz a especialista em Competitividade Industrial e Investimentos da Firjan Julia Nicolau Butter.

24/01/2014

Dilma lança comitê de avaliação do Simples Nacional

BRASÍLIA - A presidente Dilma Rousseff lança na manhã desta quarta-feira o Comitê Interministerial de Avaliação do Simples Nacional, presidido pelo ministro Guilherme Afif Domingos (PSD), da Secretaria Especial da Micro e Pequena Empresa. Segundo a assessoria do ministério, o colegiado será um espaço para discutir as políticas do setor e o projeto de lei de reforma do Simples, que está em debate no Congresso Nacional e tem oposição da Fazenda. O grupo será formado pelos ministros da Casa Civil, Aloizio Mercadante; Planejamento, Orçamento e Gestão, Miriam Belchior; Fazenda, Guido Mantega; Desenvolvimento Econômico, Indústria e Comércio, Fernando Pimentel; Ciências e Tecnologia, Marco Antonio Raupp; e Trabalho e Emprego, Manoel Dias.

Por Raphael Di Cunto | Valor Econômico – 12/02/14

➔ Info-Crédito

Bancos privados reduzem o crédito para pequena e média

A oferta de crédito dos grandes bancos privados para as micro, pequenas e médias empresas recuou no ano passado. No Itaú Unibanco, a retração foi de 3,9% entre dezembro de 2012 e o mesmo período de 2013. Na mesma base de comparação, a carteira do Santander teve queda de 7,6%. Apenas o Bradesco apresentou alta, de 11,5%. Segundo o presidente do Itaú Unibanco, Roberto Setúbal, a expectativa é que o crédito voltado para as pequenas e médias volte a crescer em 2014, mas em ritmo menor do que outras linhas. A prioridade do banco continuará sendo os créditos consignado, imobiliário e grandes empresas. "Ainda há muito espaço para o crescimento do crédito consignado e no imobiliário. Em grandes empresas a demanda tende a aumentar em 2014 por conta das concessões que estão sendo promovidas pelo governo federal que impulsionam investimentos", afirmou Setúbal.

Para especialistas, isso é reflexo da postura dos bancos em fugir de empréstimos com maior risco de inadimplência. Dessa forma, o foco se dá em linhas com menos potencial de calotes. O balanço dos bancos demonstra esse movimento no ano passado.

A carteira de crédito para grandes empresas do Itaú Unibanco totalizou R\$ 190,14 bilhões em dezembro de 2013, alta de 20,4% ante um ano antes. No Santander, o crescimento nesse segmento foi de 19,3%, e no Bradesco, 10%. O professor do Ibmecc/RJ, Mauro Rochlin, acredita que quando o governo federal decidiu usar os bancos públicos para reduzir as taxas de juros, em 2012, os bancos privados foram obrigados a acompanhar para não perder espaço no mercado. Esse movimento, no entanto, foi acompanhado de uma análise de crédito mais rigorosa.

"Os bancos privados acompanharam o movimento de redução dos juros, mas ficaram mais rigorosos nos critérios de concessão. Essa postura mais cautelosa explica porque o crédito para grandes e pequenas empresas teve redução no ano passado", afirmou o professor do Ibmecc/RJ.

As alternativas de financiamento são escassas. As chamadas factorings, que operam com descontos de recebíveis, são uma das principais fontes de recursos para milhares de pequenas companhias que não conseguem recursos junto aos bancos. O volume movimentado pelo setor, de R\$ 100 bilhões, cresceu 11% no ano passado e a previsão é que avance mais 20% em 2014, segundo a

Associação Nacional de Fomento Comercial (Anfac).

BNDES 11/02/2014

➔ Destaque

MPEs recebem volume recorde do BNDES

Os desembolsos do BNDES somaram R\$ 14,6,8 bilhões no acumulado do ano até outubro, alta de 35% ante mesmo período de 2012. Deste valor, 35%, ou R\$ 52,6 bilhões, foram as liberações para micro, pequenas e médias empresas, número acima do que foi em todo o ano passado. Volume recorde, segundo a instituição. "A alta dos desembolsos teve uma base alta, então foi crescimento em cima de crescimento", afirmou superintendente da área de planejamento do BNDES, Cláudio Leal. "Mesmo com um PIB avançando menos, os investimentos estão aumentando. Isso é explicado pelos investimentos expressivos em infraestrutura que apenas está começando. Conseguimos ver, assim, uma cadeia muito grande a ser puxada pela frente", complementou. De acordo com comunicado divulgado pelo BNDES, todos os setores apoiados pelo banco registraram desempenho positivo nos primeiros dez meses de 2013, com expansão de 31% nos desembolsos à infraestrutura (R\$ 47,3 bilhões), de 19% para a indústria (R\$ 44,7 bilhões) e de 52% para comércio e serviços (R\$ 40 bilhões). O maior crescimento relativo foi para a agropecuária, com liberações de R\$ 14,8 bilhões, 73% maiores que as registradas entre janeiro e outubro de 2012.

As aprovações, de R\$ 167,7 bilhões, cresceram 7% nos dez primeiros meses do ano, enquanto as consultas, no total de R\$ 222,5 bilhões, caíram 11% no período. Segundo o banco, o recuo se deve à alta base de comparação, "uma vez que, no segundo semestre do ano passado, houve forte concentração de projetos no BNDES, sobretudo com o Programa de Apoio ao Investimento dos Estados e Distrito Federal (Pro investe), de R\$ 20 bilhões. Também haviam dado entrada no Banco grandes investimentos ligados aos setores de petróleo e gás, energia elétrica e aeroportos, entre outros".

Nos últimos 12 meses encerrados em outubro, os desembolsos atingiram R\$ 194,4 bilhões (alta de 35%); as aprovações, R\$ 271,5 bilhões (expansão de 43%); os enquadramentos, R\$ 272,3 bilhões (acréscimo de 3%); e as consultas, R\$ 285,7 bilhões (crescimento de 1,3%).

Somente em outubro passado, o BNDES desembolsou R\$ 15,2 bilhões, valor 10,4% superior aos R\$ 13,8 bilhões liberados em igual mês do ano passado. As aprovações, de R\$

12,7 bilhões, tiveram recuo de 52% na comparação mensal. Da mesma forma, as consultas, de R\$ 49,3 bilhões, tiveram declínio 51%.

O presidente do BNDES, Luciano Coutinho, afirmou ontem que "é possível" que os investimentos em 2014 cresçam acima de 7%, como está se concretizando este ano, por conta dos programas de concessão e logística. "Isto, considerando que já temos uma forte carteira de investimentos em energia e em óleo e gás. Com uma taxa de câmbio mais estimulante para o agronegócio e para outros setores competitivos, acredito que é possível nós termos outra rodada de investimentos em 2014, entre 7% e 8%", disse após participar de seminário realizado ontem pelo Instituto Talento Brasil na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp). Porém, ele comentou que o BNDES deverá "moderar" os empréstimos no próximo ano. "Vamos lançar uma política operacional em breve, que vai buscar de maneira cautelosa combinar um volume menor de recursos em TJLP [Taxa de Juros de Longo Prazo] com recursos de mercado", anunciou, sem dar mais detalhes. Apesar de afirmar que a tendência é de crescimento da demanda de empresas por empréstimos em infraestrutura, "em função do sucesso que vem ocorrendo nas concessões", o presidente do BNDES disse que essa política a ser anunciada, será feita de maneira "combinada com o mercado, e de forma a não prejudicar os investimentos" no setor.

BNDES 15/01/2014

→ Info-Indústria

Empreendedorismo por oportunidade sobe para 71% no Brasil

Sete de cada dez brasileiros que abrem uma empresa tomam a iniciativa por identificar momento favorável para ganhar dinheiro sendo donos do próprio negócio. Em 2002, apenas 42% das pessoas abriam uma empresa por acreditar na demanda de mercado, enquanto os demais viam o empreendedorismo como necessidade, principalmente por não encontrar emprego. Em 2013, esse índice que mede o empreendedorismo por oportunidade subiu para 71%, o maior em 12 anos.

Os dados são da pesquisa GEM (Global Entrepreneurship Monitor), feita em 68 países, sob o comando da London Business School e Babson College. No Brasil, é patrocinada pelo Sebrae e realizada pelo Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), em parceria com a (FGV). Foram ouvidas 10 mil pessoas de 18 a 64 anos, de todas as regiões, e 85 especialistas em empreendedorismo. O Estado publica as conclusões do levantamento com exclusividade.

O Brasil teve o melhor desempenho no ranking de empreendedorismo por oportunidade entre os países dos Brics. O indicador brasileiro também não ficou muito atrás das chamadas "economias maduras", como Estados Unidos (78%) e Reino Unido (84%). Quase metade dos novos empreendedores tem pelo menos o 2º grau completo. Entre os novos empresários que estão cursando ou já completaram o ensino superior, 92% iniciaram o negócio por oportunidade, o aumento da escolaridade é um dos fatores que mais fortalecem o empreendedorismo no País. O brasileiro passou a olhar o mercado, enxergar uma oportunidade para abrir sua empresa e, o mais importante, se preparar para isso. O aumento da escolaridade contribui para que o índice de sobrevivência das empresas continue se expandindo nos últimos anos. De acordo com dados do Sebrae, 76% dos pequenos negócios conseguiram superar a barreira de dois anos de atividade. Atualmente, os negócios com faturamento anual de até R\$ 3,6 milhões representam 99% das empresas brasileiras: um contingente de aproximadamente 8,3 milhões de CNPJs, além da escolaridade, o grande mercado interno também contribuiu para aumentar o nível de empreendedorismo por oportunidade. "São mais de 100 milhões de consumidores. Os setores de serviços e o de comércio são as atividades de 80% das empresas de pequeno porte", diz. Outro ponto que favoreceu o ambiente de negócios, segundo ele, foi a redução dos impostos no regime Super Simples.

A metade dos negócios com até três anos e meio de atividade tem como donos jovens entre 18 e 34 anos, enquanto nas empresas que estão há mais tempo no mercado apenas 25% são dessa faixa etária. Segundo a pesquisa, quase 85% dos brasileiros consideraram abrir empresa como boa opção de carreira, bem acima do percentual dos países que compõem os Brics - Rússia (66%), Índia (61%), China (70%) e África do Sul (74%).

Agência Estado 08/02/2014

Arrecadação do Simples cresceu 16% no ano passado

A arrecadação de impostos federais pelo Simples Nacional fechou o ano passado com crescimento acima do registrado pelo recolhimento geral ante os resultados observados em 2012, segundo dados da Receita Federal. Enquanto, a arrecadação do regime simplificado de tributação subiu 16,78%, para R\$ 54,324 bilhões, em termos nominais (sem correção da inflação), o acumulado de todos os impostos avançou 10,60%, para R\$ 1,138 trilhão.

O levantamento feito pelo fisco mostra ainda que essa expansão no recolhimento do Simples em 2013, em comparação com o ano anterior, foi superior ao aumento, de 9,17%, visto em 2012 em relação a 2011, ao passar de R\$ 42,307 bilhões para R\$ 46,515 bilhões. Segundo especialistas, o acréscimo do recolhimento do regime simplificado de tributação pode ser explicado pela maior formalização no País - cujo número de optantes pelo Simples subiu 16% em 2013, conforme publicado pelo DCI -, principalmente pela opção ao (MEI), e pelo crescimento econômico no ano passado, cuja previsão do mercado está por volta de 2%.

No caso da arrecadação de ICMS junto com ISS pelo Simples em 2013, o resultado de R\$ 12,944 bilhões foi 15,13% maior do que o acumulado no ano anterior (R\$ 11,242 bilhões). Em outras receitas administradas pelo fisco, o recolhimento passou de R\$ 35,272 bilhões para R\$ 41,380 bilhões, equivalente a uma alta de 17,31% nesta base de comparação.

A expectativa é de que com a aprovação do projeto de lei complementar número 221/12, que, dentre outras propostas, universaliza a adesão ao Simples, a arrecadação aumente ainda mais. "Quase meio milhão de MPEs que faturam até R\$ 3,6 milhões por ano poderão ser incluídas. Até o último dia 25 de Janeiro, tinham optado pelo Simples 8,423 milhões de empresas, sendo 3,812 de negócios que escolheram o MEI, de acordo com os dados também da Receita Federal.

No caso do MEI, também são esperadas mudanças a partir da aprovação do projeto de lei, como a adoção de um procedimento único

em todo o Brasil para órgãos como bombeiros e vigilâncias sanitárias para a liberação de alvará; a proibição de cobranças de serviços privados (sem anuência do MEI), como taxas associativas; e a manutenção do IPTU residencial aos micro empreendedores que trabalham em casa.

DCI - 29/01/14

Mulheres são maioria entre os novos empreendedores

As mulheres estão comandando a abertura de novos negócios no país. Dados revelados pelo Sebrae a partir da pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) mostram que 52% dos novos empreendedores - aqueles com menos de três anos e meio de atividade - são mulheres. A força empreendedora feminina é maioria em quatro das cinco regiões brasileiras. Apenas no Nordeste elas ainda não ultrapassaram os homens, mas estão quase lá, com aproximadamente 49% de participação entre os novos empresários. "A cada ano, o perfil do empreendedor brasileiro se torna mais feminino e mais escolarizado", destaca o presidente do Sebrae, Luiz Barretto. Prova disso é o índice de escolaridade: 49% dos donos de novos negócios - em que as mulheres são maioria - têm pelo menos o 2º grau completo. Já entre os donos de negócios estabelecidos (com mais de três anos e meio de atividade), - em que os homens são maioria - esse índice é de 41%. A pesquisa GEM aponta ainda que 66% das mulheres iniciam uma empresa após identificar uma oportunidade de mercado. Mesmo em um cenário praticamente de pleno emprego, em todas as regiões do país a maioria das mulheres que conduzem suas próprias empresas são movidas pela oportunidade e não pela falta de alternativas. Boa parte desse resultado pode ser creditado à força do mercado interno brasileiro, fortalecido pela expansão da classe média. Mas, o fator determinante para o aumento do número de mulheres que empreendem é a flexibilidade para administrar o próprio tempo: gerenciar a própria empresa permite que elas consigam dividir o trabalho com outras atividades da vida familiar. "Isso não quer dizer que elas trabalhem menos, mas ganham autonomia para escolher seus horários. A pesquisa GEM, uma iniciativa da London Business School e Babson College, é feita em 68 países, cobrindo 75% da população global e 89% do PIB mundial. No Brasil, ela é patrocinada pelo Sebrae e realizada pelo Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBQP), em parceria com a (FGV). Foram entrevistadas 10 mil pessoas de 18 a 64 anos, de todas as regiões, e 85 especialistas em empreendedorismo.

Da Agência SEBARE de Notícias 10/20/2014

➔ Info-Notícias

Governo aumenta compras de MPEs

Cerca de R\$ 20,5 bilhões foram aplicados para o pagamento de contratos firmados com companhias de menor porte no ano passado. Em 2013, aumentou 33% a participação das MPEs nas compras públicas realizadas pelo governo federal. No último ano, as aquisições da Administração Pública Federal ficaram em torno de R\$ 68,4 bilhões. Desse total, cerca de R\$ 20,5 bilhões foram aplicados para o pagamento de contratos firmados com empresas de menor porte, cujo faturamento é de R\$ 3,6 milhões. Esse valor corresponde a 30% de todas as aquisições de bens e serviços. Em 2012, a participação das MPEs ficou em 21%. Os produtos mais fornecidos por essas empresas no último ano são do grupo de Subsistência, que movimentou, entre janeiro e dezembro, cerca de R\$ 1,3 bilhão. Esse item contempla, por exemplo, a compra de alimentos pelas Forças Armadas.

Já em relação às contratações de serviços, o grupo tipos especiais de serviços de construção lidera o ranking (R\$ 1,7 bilhão), respondendo por 18% dessas contratações. Pintura e pequenas reformas são exemplos dessas compras. Desde 2008, houve um aumento gradativo da presença de micro e pequenas empresas nas compras governamentais, de acordo com a Secretária de Logística e Tecnologia da Informação.

A lei citada pela secretária garante participação exclusiva de MPE nas licitações públicas. Nas compras de pequeno valor, aquelas de até R\$ 80 mil, as MPE forneceram para os órgãos públicos federais bens e serviços no montante de R\$ 5,3 bilhões, valor que corresponde a 71% dessas compras.

A Copa do Mundo já rendeu cerca de R\$ 280 milhões em negócios para micro e pequenas empresas e até o final do evento a expectativa é que o faturamento chegue a R\$ 500 milhões, segundo levantamento realizado pelo Sebrae com base nas rodadas de negociações promovidas nas 12 cidades-sede da Copa. "Quem mais vai faturar com a Copa são as empresas que se prepararam antes e que estão pensando no pós-evento, no legado que ele vai deixar para a competitividade dos pequenos negócios", explica o presidente do Sebrae, Luiz Barreto.

Acordo insere pequenos negócios na cadeia automotiva

O Sebrae e o (MDIC) assinaram nesta semana acordo para dar mais competitividade aos fornecedores de pequeno porte das montadoras brasileiras. Dessa forma, elas passam a contar com mais peças brasileiras de qualidade e a atender a uma das diretrizes do Programa de Incentivo à Inovação Tecnológica e Adensamento da Cadeia Produtiva de Veículos Automotores (Inovar-Auto). Desde o início de sua vigência do Inovar-Auto, em 1º de janeiro de 2013, já foram anunciados aproximadamente R\$ 8,3 bilhões em novos investimentos no setor automotivo. O governo ainda tem expectativa de que novos anúncios possam ser feitos até o final do prazo de vigência do regime automotivo, em 2017.

DCI – 13/02/14

BNDESPar vai lançar fundo de PMEs com nova regra da CVM

Braço de participações do BNDES montará carteira para alocar recursos em pequenas empresas do mercado de acesso em bolsa.

A BNDESPar, empresa de investimentos do BNDES, vai lançar um fundo de investimento em participações (FIP) que aproveita as novidades editadas pela (CVM), no fim do ano passado. Com a Instrução 540 passou a ser permitida a aplicação de até 35% do patrimônio de FIPs em empresas listadas no mercado de acesso de bolsa sem que a carteira seja obrigada a participar da gestão e da política estratégica da investida. A intenção é montar o FIP em parceria com outros investidores ainda em 2014, ideia que já passou pela diretoria. "Agora, falta o momento certo. Mas tenho segurança de que esse ano a gente consegue montar um fundo nesses moldes", conta Luiz Souto, superintendente da área de capital empreendedor da BNDESPar, com foco em empresas menores.

A norma editada em novembro do ano passado foi um dos vários movimentos feitos pela CVM nos últimos meses para destravar o acesso das pequenas e médias empresas (PMEs) ao mercado de capitais. A mais recente - e a última dessa fase, de acordo com a CVM - aconteceu na terça-feira, quando a autarquia pôs em audiência pública a sugestão de ampliar também para ações o portfólio de valores mobiliários que podem ser ofertados de maneira privada, o que diminui o custo das ofertas (a regra atual vale apenas para títulos de dívida). As mudanças tiveram origem no Comitê

Técnico para Ofertas Menores, grupo que conta com a participação da CVM, do BNDES e da BM&FBovespa.

Atualmente, a área de capital empreendedor da BNDESPar tem participação direta em 35 PMEs. "Em 2014, com a aplicação em novas empresas e o desinvestimento em outras, o fluxo de companhias na carteira deve chegar a 40. Devemos ter cerca de seis investimentos diretos esse ano", explica o superintendente da área, que gere um patrimônio de cerca de R\$ 3,7 bilhões, sendo R\$ 1,75 bilhão em participações diretas e outro R\$ 1,94 bilhão por meio de FIPs. Ao todo, são cerca de 200 empresas investidas. Entre as formas de saída - que deve ocorrer entre dois e cinco anos - usadas pela área de capital empreendedor da BNDESPar está a venda da participação para outro investidor, para o controlador da empresa ou a oferta pública de ações (IPO, na sigla em inglês). Até agora, a última opção tem sido tímida. Foram cinco empresas listadas no Bovespa Mais em 2013, e apenas uma delas, a Sênior Solutions, contou com oferta inicial de ações.

"Listar tem a ver com o ganho de governança, enquanto a oferta se relaciona com a liquidez. São dois caminhos diversos. As questões de governança são definidas na listagem, quando a empresa assume compromissos de uma companhia aberta, como instituir conselhos e divulgar informações periódicas. Plantamos nossas sementes e, posso lhe assegurar: assim que essa janela melhorar teremos uma quantidade de IPOs razoável no segmento de acesso, seja ele o Bovespa Mais ou outro que aparecer".

→ Calendário de Eventos Gratuitos

EVENTOS

22/02 a 25/02
Feira do Empreendedor 2014
 (atendimento empresarial)
 Local: ExpoCenter Norte

25/02
E-Social
 Local: Sindipan

12/03
Fluxo de Caixa
 Local: Mackenzie

18/03
Seminário - Água: Saúde, Enchentes e Escassez
 Local: Sede Fiesp

19/03
Sala de Crédito - Sede
 Local: Sede Fiesp



→ Dicas de Gestão

Pequena Empresa: Desafios de ser competitiva e atraente

Artigo de estréia como blogueira do site da HSM - Por Adriana Gomes

Quando se pensa no primeiro emprego, há quase unanimidade pela escolha das grandes empresas. Fácil de observar, pois os números são reveladores. Alguns processos para Programas de Trainees, dessas grandes empresas, desejáveis como sonho de uma carreira ascendente, repleta de realizações e conquistas, arrastam mais de 32.000 jovens, para se chegar a um número por volta de 20 contratados.

As expectativas dos contratantes em ter os melhores de cada safra de formandos são altas e por parte dos candidatos, não passar nesses processos, corresponde a uma frustração maior do que a de não ser aprovado no vestibular.

Quando ingressam, entretanto, pode haver uma segunda frustração, pois apesar das perspectivas acenadas no início do processo, o que se vive no dia-a-dia, muitas vezes não corresponde aos anseios de inovação, autonomia, agilidade e possibilidade de fazer algo diferente. Muitos acabam encastelados em subáreas de sub-departamentos, muito distante dos cenários de decisões estratégicas altamente impactantes nos resultados dos negócios.

Por tradição cultural o brasileiro entende que empresas multinacionais, são melhores que as nacionais, que empresas de grande porte darão mais garantias e estabilidade além do status social e familiar. Mesmo que o cenário empresarial nacional tenha evoluído e conquistado projeção internacional, ainda há uma supervalorização do que é de fora.

Aos que não conseguiram ingressar nessas fabulosas fábricas de futuros líderes e gestores, acaba sobrando obter emprego em outras organizações, menores, familiares e geralmente sem o status que ofereceriam as maiores e melhores para se trabalhar.

Não há muitos incentivos, no período da graduação, para o empreendedorismo e a fala corrente é de que empreender no Brasil é tarefa difícil por conta das taxas tributárias, encargos sociais e trabalhistas. De fato, há muito pouco incentivo para o futuro empreendedor.

Ainda há enraizado no coletivo social que empreender é a falta de ter conseguido um lugar

melhor para se estar. O empreendedor não é visto como agente de mudança na economia, mas quase como falha na obtenção de um lugar digno para se trabalhar. O brasileiro empreende motivado pelo desemprego, pela falta de reconhecimento na empresa onde trabalha ou pela baixa remuneração, não exatamente por ter algum projeto em que acredite e que planeje estrategicamente para iniciar suas atividades. É preciso mudar essa ideia. Peter Druker afirma que empreendedores são aqueles que aproveitam as oportunidades para criar as mudanças.

O momento é propício para isso. Há possibilidades de realizar negócios em praticamente todos os segmentos. É fato. A economia projeta possibilidades otimistas de crescimentos de até 6% ao ano. Bom sinal, porém, também um alerta. Pode faltar mão-de-obra qualificada.

Há também, o mito de que não existem políticas de financiamento ao empreendedorismo no Brasil, mas existem e, por vezes o dinheiro destinado sobra por falta de bons projetos. O SEBRAE oferece apoio à inovação e incentivo aos pequenos e micro-empresários através de diversos programas tais como: Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas (SBRT), Clínicas Tecnológicas, Via Design, Projeto de Extensão Industrial Exportadora (PEIEX), Programa do Alimento Seguro (PAS) e Tecnologias Industriais Básicas (TIB), entre outros. (mais informações disponíveis no Blog Faça Diferente SEBRAE).

Os movimentos de terceirização e "Business Partner" favorecem o trabalho conjunto a grandes empresas. Desta forma há gravitação de inúmeras empresas parceiras e prestadoras de serviços de menor porte atuando como facilitadoras da realização dos serviços de grandes organizações. Mais uma chance para enxergar nas pequenas e médias empresas oportunidade para contribuir com o processo de inovação das grandes organizações e perspectivas de crescimento pessoal e profissional.

Info-MPMIs

Informativo da **micro, pequena e média indústria** do Departamento da Micro, Pequena e Média Indústria – DEMPI da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP

Av. Paulista, 1313 - 5º Andar
São Paulo - SP
e-mail: dempifiesp@fiesp.org.br

Seja nosso seguidor no
twitter: [@dempifiesp](https://twitter.com/dempifiesp)

Até a próxima Edição!!!